



HAITI / Autoridades anunciam a morte de sete suspeitos de executar o presidente Jovenel Moïse, na madrugada de quarta-feira. Seis homens estão presos, entre eles um norte-americano. Especialista alerta sobre disputa pelo poder entre premiês e não descarta guerra civil

Caçada aos assassinos

» RODRIGO CRAVEIRO

Aos gritos, a multidão seguiu uma viatura por uma das ruas de Porto Príncipe: “Eles queimaram o presidente, nós também os queimaremos”. Revoltados, os haitianos ameaçavam incendiar a camioneta da polícia que levava dois suspeitos de fuzilarem o presidente Jovenel Moïse, 53 anos, e de atentarem contra a vida da primeira-dama, Martine Moïse, 47, na madrugada de quarta-feira. Em 48 horas, a polícia do Haiti matou sete supostos assassinos de Moïse e prendeu seis. Civis capturaram dois deles e quase os lincharam. A detenção de residentes na Flórida aponta para conexões no exterior — o cidadão norte-americano James Solages, de Fort Lauderdale, e Joseph Vincent, haitiano-americano que vive em Miami.

“Já temos os autores físicos e estamos procurando os autores intelectuais” do assassinato, apontou o chefe da Polícia Nacional do Haiti, León Charles. A esposa de Jovenel está fora de perigo e em situação estável, depois de ser transferida de avião para Miami. O Conselho de Segurança da ONU discutiu a crise haitiana por uma hora, a portas fechadas, a pedido dos Estados Unidos e do México.

No dia seguinte ao magnicídio, uma disputa pelo poder envolvendo dois premiês agravou a crise e ameaçou a transição no país mais pobre das Américas. O Ministério Público do Haiti anunciou que, em 13 e 14 de julho, a Justiça vai interrogar os guardas presidenciais que faziam a segurança da residência oficial invadida pelo comando armado, no bairro de Pétion-Ville, na periferia de Porto Príncipe.

“A situação é muito delicada e pode desembocar numa guerra civil ou numa matança coletiva. Os dois cenários facilitarão a reocupação do Haiti pela comunidade internacional, que está no país desde 1984 e foi incapaz de resolver 1% da crise haitiana”, advertiu ao **Correio** Elinet Daniel Casimir, 48 anos, doutor em estudos latino-americanos e professor de análise política da Universidade do Estado do Haiti, em Porto Príncipe (**leia Palavra de Especialista**).

De acordo com ele, a “forte disputa” entre dois primeiros-ministros — Claude Joseph, renunciado, e Ariel Henry, apontado por Jovenel Moïse dois dias antes de sua morte — complica o processo de transição. Henry não chegou a tomar posse. “Se essa briga não acabar, haverá uma repercussão muito caótica sobre a estabilidade do país. Joseph não quer mudar de opinião, aceitar que não é mais premiê e deixar o poder para Henry. A primeira decisão que Joseph tomou, após a morte de Moïse, foi decretar estado de sítio, apesar de atribuição caber apenas ao presidente”, disse Elinet.

Ligações

Joseph culpou “mercenários estrangeiros” pelo assassinato e

Valerie Baeriswyl/AFP



Dois supostos mercenários que teriam executado Moïse são levados pela polícia à delegacia do bairro de Pétion-Ville, em Porto Príncipe

» Operação profissional

O QUE AS AUTORIDADES HAITIANAS DIVULGARAM SOBRE O ASSASSINATO DE JOVENEL MOÏSE

Hector Retamal/AFP



Como foi o ataque
O presidente **Jovenel Moïse** e a primeira-dama, Martine Moïse, foram surpreendidos por um comando armado, à 1h de quarta-feira (2h em Brasília), na residência oficial da Presidência da República do Haiti, situada no bairro de Pétion-Ville. Os assassinos chegaram ao local disfarçados de agentes da DEA — a agência antidrogas dos Estados Unidos. Jovenel foi morto na hora. A primeira-dama, Martine Moïse, ficou ferida nas mãos e no abdome. Uma das filhas do casal, Jomarlie,

Valerie Baeriswyl/AFP



escondeu-se no quarto do irmão. A empregada e o garçom de plantão foram amarrados.

A cena do crime

O escritório e o quarto do presidente foram saqueados. Os policiais e peritos o encontraram deitado de costas, com a camisa branca manchada de sangue, a boca aberta e o olho esquerdo praticamente estourado. Na portaria e o interior da residência, os investigadores encontraram várias **cápsulas** de cartuchos de calibres 5,62mm e 7,62mm. Câmeras de segurança

Twitter/Reprodução



registraram o momento que antecedeu a **invasão**.

Lesões

Os médicos legistas encontraram 12 marcas de tiros de grande calibre no corpo do presidente. Uma das balas perfurou-lhe a testa. Dois atingiram a altura dos mamilos. Três acertaram o quadril do mandatário e uma, o abdome. Segundo o vice-juiz de paz de Pétion-Ville, os assassinos usaram projéteis de 9mm.

Prisões e mortes

Na noite de quarta-feira, o chefe

da polícia de Porto Príncipe anunciou que quatro “mercenários” envolvidos no assassinato foram mortos, depois de tomarem policiais como reféns. Mais três teriam sido mortos ontem. Outros seis suspeitos acabaram detidos — dois por iniciativa da multidão. Um deles seria o norte-americano de ascendência haitiana James Solages, cidadão de Fort Lauderdale (sul da Flórida), revelaram autoridades de Porto Príncipe. Um segundo suspeito teria dupla cidadania haitiana e americana.

destacou que os autores do magnicídio falavam inglês e espanhol — os idiomas do Haiti são francês e crioulo. Ele disse à emissora BBC que Moïse “lutava contra alguns oligarcas no país”. “Não sabemos se há uma ligação entre esses oligarcas e os mercenários do exterior”, declarou.

Segundo Elinet Casimir, há sérias dúvidas de que os atores encontrarão uma saída viável e duradoura para impulsionar o Haiti rumo ao desenvolvimento. “Eu recomendaria a Claude, Henry e

às demais autoridades que esqueçam os interesses pessoais e favoreçam o interesse coletivo nacional”, afirmou o analista político. “O trauma do assassinato pesa muito para o meu povo. Muitos têm criticado Moïse no poder, mas não puderam chegar a um acordo que facilitasse ao povo haitiano respirar. Também não se pode ignorar a ingerência de EUA, França e Canadá, em primeiro plano, e de Brasil e República Dominicana, em segundo plano. Nossa crise é crônica.”

Também morador de Porto Príncipe, o ativista social Ralph Emmanuel François, 38, disse ao **Correio** que o corpo de Moïse foi encontrado com 12 tiros, o que configura uma execução. “Claude Joseph declarou estado de sítio, medida que limitaria a liberdade de movimento. No entanto, ele anunciou que o funcionalismo público retornará aos trabalhos amanhã (hoje)”, comentou. “A situação envolve total confusão. Como os haitianos podem se sentir seguros se o presidente

foi assassinado dentro de sua própria residência?”, questionou. A organização não governamental haitiana Rede Nacional de Defesa dos Direitos Humanos (RNDDH) estima que, desde 2018, o país foi palco de 12 massacres, com 418 pessoas assassinadas e 129 desaparecidas.

Em 2019, a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Minustah) — extinta força de paz da ONU liderada pelo Brasil — informou a existência de 162 gangues cobrindo 50% da

» Palavra de especialista

Vergonha para a nação

» ELINET DANIEL CASIMIR

“Durante os 217 anos de independência do Haiti como o primeiro Estado negro livre e foco da liberdade, observamos uma série de mortes trágicas de presidentes. A primeira delas foi o assassinato do pai da pátria haitiana, Jean-Jacques Dessalines, em 1986. É preciso perguntarmos qual a influência dos atores políticos nacionais e internacionais no assassinato de Jovenel Moïse. Há algo muito importante na vida política haitiana: quase todas as instituições não funcionam. Não existe um presidente dotado de poderes, nem um líder da Corte Constitucional, nem um Parlamento.



O assassinato de Moïse é uma vergonha para toda a população haitiana. O mundo inteiro pergunta como é possível chegar tão facilmente à casa do presidente e matá-lo. O crime surtirá um impacto considerável sobre a democracia haitiana, sobre a cultura política do país e sobre todo o povo. Ninguém sabe o que vai ocorrer. Vivemos em um Estado débil. O que mais me preocupa é a impotência dos atores políticos de se reunirem para decidirem o futuro do país, para encontrarem um consenso, costurarem um acordo nacional.

A situação é muito delicada, na medida em que não existe uma autoridade efetiva, capaz de tomar decisões corretas e legítimas em prol do povo. Por outro lado, vemos grupos armados por toda a parte, sobretudo em Porto Príncipe. A polícia parece muito débil frente a esse cenário.”

Doutor em estudos latino-americanos e professor de análise política da Faculdade de Ciências Políticas e Relações Internacionais da Universidade do Estado do Haiti, em Porto Príncipe

AFEGANISTÃO

Biden antecipa saída para 31 de agosto

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, anunciou que a retirada das forças norte-americanas do Afeganistão estará completa até 31 de agosto — até então, a data prevista era 11 de setembro, no 20º aniversário dos atentados contra o World Trade Center e o Pentágono. O líder democrata descartou que a saída militar seja um desastre ao estilo do Vietnã.

No entanto, admitiu que o país não está em situação de reivindicar uma vitória, ao mesmo tempo em que assegurou que a retomada do poder pela milícia fundamentalista islâmica Talibã “não é inevitável”. “Não confio no Talibã”, disse Biden, “mas confio na capacidade dos militares afegãos”.

Os militares dos EUA “alcançaram” seus objetivos no país de de-



Manpreet Romana/AFP

gradar a rede terrorista Al-Qaeda e evitar mais ataques aos Estados Unidos, disse Biden em um discurso. “Estamos encerrando a guerra mais longa da América. Não vou enviar outra geração de americanos à guerra no Afeganis-

tão.” Ele lembrou que os EUA “não foram ao Afeganistão para construir uma nação”. “É direito e responsabilidade apenas do povo afegão decidir seu futuro.”

Biden prometeu continuar apoiando o governo afegão e

Fuzileiros navais aguardam embarque em helicóptero, na província de Helmand: objetivos cumpridos no país

as forças de segurança e que milhares de tradutores afegãos que trabalharam para as tropas poderiam encontrar refúgio nos Estados Unidos. “Há uma casa para você nos Estados Unidos, se for sua escolha”, disse ele. “Estaremos com você, assim como você esteve conosco.” Cerca de 18 mil intérpretes, motoristas e contratados afegãos aguardam para tentar se estabelecer nos Estados Unidos. No entanto, o processamento de tais solicita-

ções normalmente leva anos, devido à burocracia.

Vietnã

O democrata disse que “o Talibã não é o Exército norte-vietnamita”. “Eles não são nem de longe comparáveis em termos de capacidade. Não haverá nenhuma circunstância em que você verá pessoas sendo resgatadas do telhado de uma embaixada dos Estados Unidos no Afeganistão”, afirmou ele. “Não é nada comparável.”